



REVISTA ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Apresentação

Dra. Maria Elise Rivas¹

A revista *Estudos Afro-brasileiros*, desde sua recente fundação, nasce com o compromisso de contribuir com a tradição afro-brasileira: **propiciar um encontro de saberes que reconhece nas próprias religiões que pesquisa o foco central de sua produção científica**. Esse foi o espírito plantado por F. Rivas Neto como sacerdote e pesquisador afro que procuro não só manter, mas aprofundar com diversas disciplinas inte-

1. Maria Elise Rivas é sacerdotisa da OICD (Ordem Iniciática do Cruzeiro Divino), uma instituição religiosa afro-brasileira. Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi vice-diretora da FTU (Faculdade de Teologia Umbandista), onde se graduou em Teologia, primeira e única instituição de formação teológica afro-brasileira. Autora de diversos livros, tanto religiosos como científicos e de militância pelas religiões afro-brasileiras.

Dra. Maria Elise Rivas

ressadas na herança ancestral africana que se reconfigurou em solo brasileiro. Esse é meu compromisso como responsável por seu legado religioso e científico.

O presente número da revista carrega estes valores na figura dos autores e autoras, que são de diferentes disciplinas: teologia afro-brasileira, ciências da religião, ciências sociais, geografia, entre outras. Suas pesquisas vão versar sobre diferentes temas de aplicação, mas com as religiões afro-brasileiras sempre em voga. Além disso, são mulheres e homens de diferentes nacionalidades (Brasil, Chile, Argentina e Itália).

■ Diante do exposto, inauguro a sessão de artigos falando sobre “Terreiro fechado ou aberto? Pode de decisão dos sacerdotes e sacerdotisas frente à pandemia”, em que discuto as implicações da pandemia de Covid-19 nas religiões afro-brasileiras, especificamente quanto à liberdade decisória de sacerdotes e sacerdotisas, mediante as medidas sanitárias, de prevenção, frente aos seus princípios religiosos, que envolveram questões de cunho teológico, uma vez que essas religiões, por serem de tradição oral, não possuem um poder centralizado. Para tanto, apresento resultados de interpretação e análise de breve investigação com terreiros da cidade de Itanhaém por meio de um questionário, a respeito de suas posições e atitudes tomadas durante a pandemia.

Apresentação

Na sequência, o pesquisador italiano Bruno Barba apresenta o texto “Candomblé, e agora o que acontecerá? As religiões afro perante a intolerância religiosa” com a tradução de Rodrigo Garcia Manoel. O artigo vai retratar a pesquisa de três décadas sobretudo no estado de São Paulo e ousa em apontar reflexões sobre o futuro do candomblé. “Será a valorização da relação entre orixás e elementos da natureza o ponto de inflexão que permitirá a sobrevivência e até mesmo o fortalecimento desses cultos?”, nas palavras dele.

Carlos Eugênio Marcondes de Moura nos brinda com uma revisão sobre relação de coletâneas organizadas pelo autor entre 1981 e 2005 versando sobre religiões brasileiras de origem africana. Suas traduções sobre a temática das religiões dos orixás e voduns no Brasil, em Cuba e na antiga Costa dos Escravos, África Ocidental, ficou intitulada como “Escritos sobre a religião dos Orixás e Voduns”.

Dando continuidade à seção de artigos, Érica Jorge Carneiro escreveu o texto: “No terreiro e na vida profissional: experiências de tempo e trabalho de adeptos do candomblé jeje-nagô”. Como mediar vida “profana” e religiosa? “Trata-se de compreender as tensões entre o tempo dedicado à vida no terreiro e o tempo necessário dedicado às tarefas de

Dra. Maria Elise Rivas

trabalhos variados para subsistência material”, assim resume a autora.

A pesquisadora argentina Hortensia Caro Sánchez vai ao encontro de um dos maiores símbolos das religiões afro-brasileiras: pombagira. Com o título “Pombagira nos cultos populares brasileiros”, o olhar da pesquisadora está atento às multiplicidades de pombagiras, seus corpos suas histórias e realidades. Nesse trânsito dos dois mundos, como a simbologia da pombagira fala forte sobre a realidade brasileira e visibiliza pessoas que são colocadas à margem da sociedade.

João Luiz Carneiro retoma a discussão da teologia afro-brasileira pelo viés umbandista. “Teologia umbandista: sua diversidade” procura unir a discussão de bases epistemológicas da umbanda com a realidade exageradamente multifacetada. São as mesmas bases que geram práticas, crenças e valores das mais variadas formas e que, até mesmo, colocam em oposição aspectos da doutrina professados pelos adeptos umbandistas.

Flavia Schiappacasse e José Luis Rojas Vuscovich analisam o arsenal terapêutico das plantas medicinais nativas do Chile. Numa clara aproximação com a cultura religiosa afro-brasileira, os pesquisadores estão preocupados em resgatar as propriedades curativas dessas plantas não só na lógica medi-

Apresentação

cial, mas também mágico-espiritual. Ao ler “Conocimiento, uso y valorización de plantas medicinales nativas chilenas” será possível acessar um pouco do conhecimento ancestral do nativo americano.

Aqui no Brasil, Yuri Tavares com suas “Sabedorias botânicas” mergulha na etnobotânica e biogeografia para resgatar a força da tradição oral tão cara às religiões afro-brasileiras. No diálogo com ervas e plantas é possível descobrir múltiplas potencialidades da alma.

Na seção de resenha, João Luiz Carneiro volta a escrever na revista e comenta o livro que publiquei em 2020, intitulado *O que reza minha tradição*. No *Dicionário teológico das religiões afro-brasileiras* foi acrescentado o verbete “intolerância doméstica”, escrito por mim e pelo sacerdote Edvaldo Araújo Santos.

Receba esta edição da revista como um convite ao diálogo sobre as religiões afro-brasileiras. Façamos deste momento tão difícil, em que a democracia pelo mundo está em crise e o planeta sofre com uma doença pandêmica, uma oportunidade de repensar nosso lugar na sociedade e no mundo. Como mãe de santo ouse acrescentar nosso lugar diante do Sagrado, da Espiritualidade...